

## MARROCOS - UM RETORNO? JUDEUS MARROQUINOS BRASILEIROS E O MARROCOS NA ATUALIDADE - Elias Salgado

***“Salgado, você possui material sobre os judeus do Marrocos no Brasil? O embaixador quer que organizemos uma exposição sobre o tema. Seria muito importante para nós a realização deste projeto.”***

Era o rabino Isaac Benzaquen ao telefone, líder espiritual da *Shel Guemilut Hassadim*, a sinagoga dos judeus marroquinos do Rio de Janeiro, frequentada por minha família desde o século XIX.

Trazemos aqui este trecho da nossa conversa pois ela, que pode parecer intrigante e curiosa, é exemplo de um processo histórico e sociológico que bem podemos designar como “retorno” às origens culturais e identitárias da referida comunidade. Trata-se de um re-encontro com o país de seus antepassados e a constatação de que o referido processo se dá numa dinâmica de reciprocidade entre esses judeus e o governo do Marrocos. Nossa proposta no presente trabalho é tentar explicar por quê e como, em pleno século XXI, após quase 210 anos da chegada dos judeus do Marrocos ao Brasil, tal fenômeno está acontecendo.

Após quase 210 anos de sua presença na Amazônia, aqueles imigrantes e seus descendentes passaram por um processo complexo de aculturação, adaptação e assimilação de sua identidade, sendo que parte do grupo não tenha abandonado totalmente a sua originalidade.

Sim que grupos migrantes, via de regra, mesmo se adaptando, se aculturando ou se assimilando preservam diferentes níveis de laços com suas origens étnicas e culturais. No caso dos judeus do Marrocos, tais vínculos têm sido fortes na tentativa de preservação de ritos, tradições, memória e identidade. E o caso brasileiro não foge à tal regra.

Nos primeiros anos da imigração, esses vínculos eram bastante intensos, principalmente devido a contatos familiares e à ida de filhos nascidos no Brasil para estudar nas escolas da Aliança Israelita Universal e adquirir formação técnica no Marrocos. Tomo como exemplar o caso de Rubem Salgado, enviado por seus pais para estudar no Marrocos em 1914 logo após seu *bar mitzá*. Após 5 anos de estudos, retornou ao Brasil formado como guarda-livros (contador). Nos anos 30, durante a Ditadura Vargas, Salgado é convidado por Álvaro Maia, interventor do Amazonas, a assumir a Secretaria da Fazenda do Estado, o que ele fez, como Secretário de Estado de Economia e Finanças do Amazonas e Diretor Regional da SAVA – Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico - de 1940 a 1945.

Certamente, estudar e formar-se no Marrocos não era o único motivo destes contatos e de casos de retorno. Há circunstâncias que a historiografia referente ao tema desconhecia até bem pouco tempo, como as de centenas de imigrantes naturalizados brasileiros que retornaram ao seu país de origem. Uma delas tem a ver com o retorno, não somente ao Marrocos mas também a Portugal, de alguns judeus marroquinos que faliram com a crise da borracha. (Ver Benchimol, 1998.)

Com o tempo, os laços familiares e pessoais com o Marrocos se veem esgarçados em consequência das diversas ondas migratórias de judeus do Marrocos. Tais vínculos chegam a se extinguirem de forma quase total com a criação do Estado de Israel, em 1948. Quase extintos os vínculos familiares e pessoais, permanecem, no entanto, os laços de tradições cultural, religiosa, identitária, manifestados no estilo litúrgico (*nussach*), no idioma (*haquetía, arbía*), na culinária, em costumes religiosos (*minhaguim*) e no hábito, muito arraigado entre os judeus marroquinos, de culto aos seus *tzadikim*, ou seja, o cultivo da memória de seus grandes sábios e rabinos, sepultados em vários cemitérios por todo o Marrocos. Estes locais se tornam centros de peregrinações e visitas de seus seguidores e de estudiosos. E há também o costume das *hilulot* (comemoração do aniversário de morte) destes *tzadikim*, que se caracterizam por grandes festas, nas diversas comunidades judaico-marroquinas de todo o mundo.

O Marrocos ancestral recentemente voltou a ser um objeto de interesse dos judeus marroquinos brasileiros, que cresce a olhos vistos na atualidade, com excursões programadas e orientadas por brasileiros de origem marroquina, além de contarem com guias locais em português. São então visitadas cidades que deram origem aos marroquinos emigrados ao Brasil (como Casablanca, Tânger, Tetuan, Fez, entre outras), além dos túmulos dos sábios (*tzadikim*) venerados por gerações de marroquinos e seus descendentes no Brasil e em outras partes do mundo.

Como se pode ver, os laços culturais, religiosos e a memória coletiva dos judeus de origem marroquina são fortes e têm um papel fundamental no processo de identificação com suas origens. Porém outros fatores contribuem para o fenômeno de aproximação e de “retorno”, no caso específico do Brasil. Vejamos.

**Os judeus constituem o único grupo originário do Marrocos no Brasil.** Esta bem que poderia ser razão suficiente para explicar a atitude positiva do governo marroquino, através de seus diplomatas, para com a comunidade judaica marroquina local. Jantares com farta mesa marroquina, onde o convidado de honra é o embaixador e nos quais o rei Muhamed VI é homenageado, são comumente realizados por comunidades marroquinas no país.

E, mais recentemente, a solicitação para realização de uma exposição sobre os judeus do Marrocos no Brasil, que citamos acima, pelo telefonema do rabino, constitui outra

prova do elevado desejo do reino marroquino de estar presente na vida dos marroquinos e seus descendentes no nosso país.

Porém, as razões desta atitude têm causas mais profundas, que dizem respeito a diversos momentos da longa história de mais de 2000 anos da presença judaica no Marrocos (apontá-las aqui se torna uma tarefa que demandaria longa pesquisa e densa obra resultante).

É preciso dizer que a vida dos judeus no Marrocos não foi um mar de rosas por um longo período de tempo. Houve altos e baixos no decorrer dos dois milênios e alguns séculos de sua vivência no país. Entre as várias mudanças na atitude das diversas dinastias de governantes marroquinos e a população muçulmana, podemos afirmar que a situação dos judeus no Marrocos passou por momentos muito difíceis: proibições injustas, mentiras difundidas como verdades, perseguições, assassinatos, emboscadas, massacres em massa e muitas outras adversidades. Felizmente, a partir do reinado de Mohamed V (entre 1927 e 1953 e também entre 1955 e 1961) da dinastia Alauíta (descendentes da Fátima, filha de Maomé) até nossos dias, o Marrocos mudou profundamente sua atitude para com os judeus. Foi Mohamed V (avô do atual rei Mohamed VI) que, na Segunda Guerra Mundial, recusou-se a aplicar as leis raciais do governo francês-nazista de Vichy, recusando deportar os judeus do território marroquino.

Com o fim da Segunda Guerra e a criação do Estado de Israel, em 1948, a violência antijudaica torna-se frequente e faz com que 67 mil judeus emigrem para Israel, até 1956, ano em que o Marrocos se torna independente e a emigração para Israel é proibida. Neste interim, mais de 47 mil conseguiram fazer *aliá*, ou seja, a ida, ascensão ou “subida” ao Estado de Israel.

Em 1961, quando o rei Hassan II (pai do atual) sobe ao trono, a situação dos judeus volta a ser mais confortável. Porém, com a Guerra dos Seis Dias, novamente são intensos os sentimentos antijudaicos. Naquele ponto, a maioria dos que ainda viviam no país decide partir de vez. Alguns vão para Israel, outros para a França, o Canadá e também para o Brasil.

Hassan II foi, sem dúvida, o melhor amigo de Israel em todo o mundo árabe. Em 1986, o rei recebeu Shimon Peres num dos seus palácios, oficialmente. Depois do falecimento de Hassan II, em 1999, seu filho Mohamed VI assumiu o trono. Ele tem seguido a mesma política paterna em relação a Israel e aos judeus do Marrocos. Protegidos por leis ditadas pelo rei e pelo parlamento, cerca de 3 mil judeus vivem atualmente no Marrocos (e a ausência das massas judaicas antes vivendo no país é bastante ressentida pelo povo em geral, segundo depoimentos de viajantes judeus e não-judeus).

O Marrocos, desde o período colonial europeu, assumiu uma posição de importância no imaginário do Ocidente e, em consequência, tornou-se um destino turístico atrativo e concorrido. Boa parte dos judeus não originários do Marrocos também estaria classificada neste contexto. Já os de origem marroquina, além disso e principalmente por isto, buscam aquele país por razões relacionadas às suas raízes ancestrais. E diante da postura positiva do governo marroquino em nossos dias, se veem ainda mais motivados.

No caso específico dos judeus marroquinos no Brasil, além destas razões, uma causa pontual e fundamental está no trabalho que David Salgado, com o apoio das comunidades judaico-marroquinas brasileiras no país (Belém, Manaus, Rio de Janeiro e São Paulo) e contando com membros destas que migraram para Israel e outros países, vem realizando, há quase uma década, excursões com o tema “Volta às raízes judaicas no Marrocos”. A mais recente foi no último mês de outubro (2019) e contou com 35 participantes, dos quais 27 eram judeus de origem marroquina, os demais, asquenasitas e alguns não-judeus.

#### O CASO DA EXCURSÃO “RAÍZES NO MARROCOS- 2018” –

Esta excursão tem uma importância fundamental neste contexto de viagens de volta às raízes. Em 2018, entre vários projetos culturais que a *Amazônia Judaica* propôs às comunidades marroquinas da Amazônia, apresentamos o projeto de uma excursão ao Marrocos. O empresário Jaime Benchimol, dirigente comunitário e grande apoiador do judaísmo de Manaus, se entusiasmou com a ideia e patrocinou a ida de 15 casais daquela comunidade para visitar os locais onde seus antepassados viveram. Benchimol acredita que excursões são uma espécie de revivência que muito contribui na preservação da identidade e da herança cultural judaico-marroquina, confirmando o pensamento dos membros daquela comunidade. Participaram da excursão líderes comunitários e diretores do Comitê Israelita do Amazonas e o atual *Shahiach Tzibur*, líder espiritual da comunidade, o *chacham* Isaac Dahan, há quase 50 anos no comando da vida religiosa daquela comunidade.

Objetivando mostrar os resultados e o impacto desta singular experiência de retorno às raízes judaico-marroquinas, apresentamos a seguir três depoimentos de participantes.

#### DEPOIMENTO 1: Esther de Goldberg

*“Fue un viaje muy emotivo y descubrir lugares nuevos que no conocia como Fez y Marrakech. Tanger, donde nació, está irreconocible! Preferia el Tanger de mi infancia y juventud donde quedaron tantos recuerdos. Estuvimos 5 generaciones alrededor de las*

*tumbas de nuestros bisabuelos y hubo 17 hombres alrededor de la tumba de mi papá, diciendo Kadish! Wauuu, fué demasiado emocionante! La compañía de todos Uds. fue maravillosa! Un viaje Inolvidable."*

DEPOIMENTO 2 - Anne Benchimol, ex- Presidente e atual Diretora Cultural do Comitê Israelita do Amazonas (CIAM). Anne escreveu um pequeno diário da viagem, do qual destacamos alguns trechos sobre o dia da visita do grupo a Tânger:

*Dia 4 - 10/10/2018, quarta-feira*

*"Tanger a cidade caiada de branco!! ... Aqui é uma viagem no túnel do tempo a olhos vistos. O ontem é vivido hoje..... Uma linda vista do encontro de dois mares, Atlântico e Mediterrâneo. O Farol ali construído tem 150 anos e possivelmente foi testemunha da partida de nossos avós rumando para a desconhecida Amazônia.*

*No Cemitério Antigo dissemos um kadish na sepultura de Mordechai Bengio Z'L, um grande chacham. Esse kadish também foi para todos ali sepultados.*

*No mellah judaico vimos as moradias e os lugares onde um dia vivemos.*

*Na "Calle de las Esnogas" estivemos na belíssima Sinagoga Nahon onde foram feitas algumas misheberot. Os olhos de todos não conseguiram conter a emoção que transbordava desde o coração. Dr. Dahan e David Salgado meldaram lindamente!! Mais uma vez nossa alma se alegrou!!*

*Sem imaginar o que estava por vir, fomos ao Asilo LSB (Laredo Sabbá Benchimol). Encontramos Dona Cristina, enfermeira que trabalha nesse local há 70 anos. Um encontro muito emocionante com Esther de Goldberg e Dona Cristina - por intermédio do pai de Esther, a mãe de Dona Cristina virou cozinheira do Rei do Marrocos.*

DEPOIMENTO 3: Isaac Dahan, Shaliach Tzibur de Manaus

*"Fomos em busca de nossas raízes. Eu, particularmente, por ter convivido com muitos daqueles judeus marroquinos, quer de fala espanhola como os de Tânger e Tetuan (da parte da minha mãe), quanto os originalmente árabes (da parte do meu pai) Rabat, Salé, etc., escutava muitas histórias de como era a vida judaica em Marrocos, em tempos idos, como eram as Sinagogas (lembro que os "tanjáui" falavam de "la calle de las Esnogas" - várias Sinagogas em uma única rua de Tânger), como eram os cemitérios, as Hilulot que faziam, a Escola Israelita Universal, etc.*

*Enfim, eu tinha tudo isso em mente, para quando fosse até lá, na forma de uma excursão específica, como a que foi montada pelo amigo David (Salgado).*

*As histórias que eu ouvia se tornavam uma realidade, cada lugar que passávamos, Sinagogas, cemitérios, museus, asilo, enfim, uma gama de lugares que eu ouvia falar, estava vendo ao vivo. Essas "raízes" que eu vi e senti, jamais esquecerei. Parecia,*

*sinceramente, que eu já tinha estado ali (será que não tinha mesmo, em outras passagens?).*

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Historicamente, a ida/volta temporária de judeus originários do Marrocos àquele país sempre se deu em maior ou menor escala e constância, principalmente por razões ligadas à tradição religiosa, especificamente àquela que diz respeito ao costume mult centenário de peregrinação daqueles judeus aos túmulos dos grandes sábios, “os tzadikim/ kedoshim”, eminentes rabinos cuja trajetória de vida transformou-os em verdadeiros “santos” aos quais são atribuídos vários milagres. No entanto, fica patente que o caso específico do “retorno” dos judeus brasileiros originários do Marrocos se insere num contexto mais amplo de um processo de busca/encontro com raízes culturais, característico da pós-modernidade.

Essas viagens não constituem um fenômeno particular dos judeus marroquinos que imigraram para o Brasil e sim algo que se dá em todas as comunidades de imigrantes e seus descendentes. Mas a circunstância específica dos judeus se reveste de particularidades múltiplas. No caso dos judeus marroquinos brasileiros é um fenômeno com características próprias sobre o qual nos debruçamos há mais de uma década e com o qual estamos ativamente envolvidos, nós da *Amazônia Judaica* e membros da comunidade judaica amazonense.

E, por fim, visitamos o país para reforçar o papel fundamental dos governos/reinados recentes do Marrocos que, como país muçulmano tem mantido, exemplarmente, com seus cidadãos judeus, com Israel e os judeus marroquinos da Diáspora, uma relação amistosa e respeitosa, reciprocamente altamente positiva.